

CLÁUDIA REGINA SANTOS DE ALMEIDA

NANDO ALMEIDA RIBEIRO

MARIA ALMEIDA RIBEIRO

OLHARES SOBRE UMA REALIDADE QUE SURPREENDE A CADA INSTANTE¹

“Nada, nada vezes nada..., é o mais longe – pra lá, pra lá, nos ermos. Se emenda com si mesmo. Água, não tem. Crer que quando a gente entesta com aquilo o mundo se acaba: carece de se dar volta, sempre. Um é que dali não avança, espia só o começo, só. Ver o luar alumiando, mãe, e escutar como quantos gritos o vento se sabe sozinho, na cama daqueles desertos.

Não tem excrementos. Não tem pássaros.”

João Guimarães Rosa

Texto construído a partir das entrevistas desenvolvidas durante o Programa de monitoramento socioeconômico¹, junto às famílias residentes na faixa de servidão da Linha de Transmissão Montes Claros – Irapé, nos meses de abril e maio de 2005.

A base empírica se constituiu por uma amostragem probabilística de 33% do universo de 111 proprietários divididos entre Montes Claros, Francisco Sá, Cristália e Grão Mogol, o que correspondeu a 37 questionários aplicados, considerando como variável determinante o tamanho da propriedade. A LT Montes Claros – Irapé abrange em seu traçado os quatro municípios, ao longo de 140km de extensão.

Com o objetivo de realizar a pesquisa, colo-

camos o “pé na estrada” que, às vezes, ou, em sua maioria, eram apenas picadas, nos deixando admirados e surpresos, e com um certo grau de ansiedade sobre como havíamos chegado e, ainda, se conseguiríamos retornar, questionamento presente durante todo o transcurso da pesquisa.

A trajetória percorrida nos possibilitou o exercício fascinante de recensear, por meio das opiniões de cada entrevistado, o papel da cultura e do meio social na formação do cidadão. Destacamos alguns destes momentos da nossa experiência, refletindo o nosso testemunho, registro e memória de uma caminhada que procuramos interpretar a partir do nosso e de outros olhares.

No roteiro de entrevista, uma questão indagava sobre a presença de energia elétrica e sua forma de utilização na propriedade. Ao

¹ Pesquisa realizada a pedido da empresa YKS, responsável pelos programas de monitoramento sócio econômico, educação ambiental e comunicação social. A YKS é uma sub-contratada da Transleste uma das empresas do consórcio que venceu a concorrência para a instalação das torres que irão interligar as sub-estações de Montes Claros e Irapé.

proceder a entrevista com o Sr², que teve suas terras desapropriadas para implantação da Usina de Irapé, em razão da presença de um poste de luz instalado há, aproximadamente, 500 metros de sua residência (uma casa da antiga propriedade, em péssimas condições), antecipamos a resposta questionando apenas sobre o uso da energia elétrica. Com um ar de surpresa, o Sr. nos olhou e disse: “donde a Senhora tá vendo a Luz?”.

Fomos informados por ele que a CEMIG ficou de construir a sua casa e, paralelamente, providenciar a instalação da energia elétrica, promessa presente no acordo de indenização. A situação da família é de carência e numa coincidência fomos informados de que era o seu aniversário e mais uma vez nos surpreendemos com uma declaração: “sabe como é, né Dona, hoje domingo é meu aniversário e como tá vendo tenho de trabalhar, pois nós é fraco...”

Em outra propriedade, próxima ao assentamento, encontramos um proprietário que nunca havia saído daquele lugar. A família dele permanecia ali há mais de quatro gerações vivendo da agricultura e da pesca. Por incrível que possa parecer, o nosso encontro ocorreu por acaso, quando buscávamos informações. Naquele exato momento, constatamos: aquele senhor era a pessoa que procurávamos e para aliviar ainda mais a nossa ansiedade ele nos forneceu todos indicativos de como chegar às demais propriedades, com um senso de localização invejável...

Este mesmo Sr, ao ser questionado sobre a utilização da energia em sua propriedade, afirmou que não possuía, mas, que, a partir do assentamento, tinha fé que o sonho de muitos anos estava próximo de se realizar. Pela proximidade da luz do assentamento, menci-

onada anteriormente, afirmou que se estivesse na mesma situação das propriedades do reassentamento, certamente, já teria energia em casa, diferente dos novos moradores que há seis meses aguardavam a chegada do benefício, apesar do poste se localizar em frente às suas casas.

Em CANDIDO (2001), temos:

O homem rústico vive uma aventura freqüentemente dramática, em que os padrões mínimos tradicionalmente estabelecidos se tornam padrões de miséria, pois agora são confrontados aos que a civilização pode teoricamente proporcionar. Se encararmos a miséria do ângulo sociológico, como privação extrema dos bens considerados necessários a cada cultura veremos com efeito, que existe por comparação.

Com os indicativos, prosseguimos. Após percorrermos muitos quilômetros, avistamos uma propriedade com claros sinais de que seus moradores haviam saído há pouco tempo, bicicletas, maquinário, animais domésticos. Ao nos aproximarmos da residência, um vulto, uma imagem fantasmagórica de uma senhora bem idosa, com os cabelos totalmente brancos e olhos de um azul profundo. Vi quando ela colocou apenas a cabeça para fora da janela e, por um instante, trocamos olhares, mas rapidamente a imagem desapareceu, ficando a dúvida se era real, ainda mais que o outro companheiro de trabalho duvidava se eu havia de fato avistado alguém. Começamos a chamar pelos moradores, bater palmas e todas as formas possíveis de abordagem até que, após algum tempo, desistimos.

Ao prosseguir na estrada, na próxima propriedade, fomos informados que realmente havia uma senhora, que não falava com estranhos, só se comunicando com os filhos. Há anos não recebia ninguém, nenhum dos seus vizinhos conseguia vê-la ou mesmo falar com ela.

² Para preservar a identidade dos entrevistados usou-se apenas o Sr.



Obras da Usina Hidrelétrica de Irapé – Grão Mogol – MG – Desvio do Rio Jequitinhonha

MILLS(1982) defende que: “Nossa época é uma época de inquietação e indiferença – ainda não formuladas de modo a permitir que sobre elas se exerçam a razão e a sensibilidade”. Naquele instante, não tivemos a sensibilidade de perceber o quanto havíamos invadido a privacidade daquela senhora, o tanto que ela deve ter ficado assustada com pessoas tão estranhas, com o som do veículo e mesmo com todo o nosso barulho.

A partir dessa situação, percebemos as tensões, as diferenças, a compreensão “por dentro” e a compreensão “por fora”, o ponto de vista do mesmo e o ponto de vista dos outros, questões que permeiam a prática antropológica:

O olhar distanciado, exterior, diferente, do estranho, é inclusive a condição que torna possível a compreensão das lógicas que escapam aos atores sociais.(LAPLANTINE, 1988).

Mais adiante às torres, como se tivesse caído do céu, a natureza em volta, as montanhas, as siriemas, as cobras, a corsa, os pássaros, os veados e os homens simples. No meio de uma natureza, que algumas vezes parecia intocada, nos deparamos satisfatoriamente com mais uma propriedade. Entretanto, descobrimos que ela não fazia parte da faixa de servidão da LT, foi quando um homem de aproximadamente 30 anos nos recebeu com a cordialidade (conforme descreve Sérgio Buarque de Holanda, em “Raízes do Brasil”) que faz parte da nossa identidade de brasileiros e se dispôs a nos acompanhar até o próximo proprietário.

A humildade e a disposição em servir nos chocaram. Após conduzir nossa caminhada por alguns metros, surge um córrego. Urbanos que somos, retiramos nossos tênis modernos e iniciamos a travessia quando o condutor ofereceu para carregar o nosso colega nas costas, evitando que ele pisasse na água. Momentos como esse nos sensibilizaram diante da enorme disparidade presente entre as grandes e luxuosas propriedades e os simples casebres. Entretanto, nenhuma situação pa-

rece ter causado tanto constrangimento.

Todos nós somos esse homem que não só luta para viver a vida de todo dia, mas que luta também para compreender um viver que lhe escapa porque não raro se apresenta, como se fosse um viver destituído de sentido. (MARTINS, 2000).

A trajetória foi marcada por grandes situações e algumas aventuras, porém, algumas, certamente, não abandonarão o nosso arquivo de memórias. Como o refrigerante servido quente devido à falta de luz para o funcionamento da geladeira, acompanhada de deliciosos biscoitos e beijus assados num forno de barro.

Um pouco mais a frente, um casal de idosos que sonha em vender suas terras e mudar para Montes Claros, onde terão maior acesso a médicos, já que, pela idade, necessitam deste tipo de atendimento, com frequência. Após servirem o café e os biscoitos, costume comum na região, eles contaram histórias de uma vida na terra que rendeu bons frutos, garantindo o sustento de toda a família.

No trajeto, após algum tempo, constatamos, apesar das informações, das coordenadas e dos indicativos, que a realidade se apresentava contrária. Avistávamos a torre e logo ao lado uma propriedade que, ao contrário do que imaginávamos, não fazia parte da faixa de servidão. Aquilo que procurávamos se encontrava ainda mais distante e com um acesso difícil. E outra, só conseguíamos a direção e o entendimento sobre o proprietário e onde se localizava a torre da LT quando podíamos contar com a sorte e encontrar uma propriedade que fazia parte da faixa de servidão.

Do contrário, as pessoas se espantavam com o nosso pedido de informação, não existindo entendimento sobre o que de fato queríamos saber. Com as análises de CANDIDO (2001), percebemos que “os meios de subsistência de um grupo não podem ser compreendidos separadamente do conjunto das necessidades básicas”.

A paisagem dos 140 km percorridos é intercalada por grupos de pequenas médias e grandes propriedades nas mãos de empresas como, por exemplo, a RIMA- Reflorestamento, com fornos e mais fornos, e logo na entrada uma placa informando que ali é proibido fotografar e, até mesmo, utilizar qualquer espécie de equipamento eletrônico desde *lap-top* até outros.

Durante todo o transcurso pelo Reflorestamento, não avistamos nenhum animal, nenhum

som de pássaros, só o cheiro aromático de madeira queimando, um contraste com as pequenas propriedades de produção agrícola diversa, milho, feijão, mandioca, horta, pomar, animais silvestres e domésticos.

Com BOFF (1999), encontramos a seguinte consideração:

se não cuidarmos do planeta como um todo, podemos submetê-lo a graves riscos de destruição de partes da biosfera e, no seu termo, inviabilizar a própria vida no planeta.



Aspecto das obras da Usina Hidrelétrica de Irapé – Grão Mogol – MG

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. *Ética da Vida*. Brasília: Letravida, 1999.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Duas cidades, Ed. 34, 2001.
- MILLS, Charles Wright. *A imaginação Sociológica*. 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense s.a, 1988.
- MARTINS, José de Souza. *A Sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Hucitec, 2000.



Aspecto das obras da Usina Hidrelétrica de Irapé – Grão Mogol – MG